

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
13 e 23 de Julho de 2021
CINEMA ITALIANO, LADO B

TORNA! / 1954 Regresso ao Lar

Um filme de Raffaello Matarazzo

Argumento: Aldo de Benedetti e Raffaello Matarazzo / *Imagem (35 mm, Ferraniacolor, formato 1x37):* Tino Santoni / *Cenários:* Piero Filippone / *Figurinos:* Marisa Polidor / *Música:* Michele Cozzoli; a canção “Torna!” (música de Nicola Valente, letra de Pacifico Vento) é interpretada por Antonio Barsutto / *Montagem:* Mario Serandrei / *Som (mono):* Mario Messina / *Interpretação:* Yvonne Sanson (*Susanna*), Amadeo Nazzari (*Roberto*), Franco Fabrizi (*Giacomo*), Enrica Dyrell (*Viviana*), Maria Grazia Sandri (*Lidia, a criança*), Liliana Gerace (*Luisa, a louca*), Olinto Cristina (*o advogado amigo de Roberto*), Rita Livesi (*a governanta*), Giovanna Scotto (*Antonia*), Giulio Tommasini (*Vittorio*), Gulio Marchesini (*o notário*), Teresa Franchina (*a freira*) e outros. *Produção:* Goffredo Lombardi para a Titanus Films (Roma) / *Cópia:* da Cinemateca de Bolonha, 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 96 minutos / *Estreia mundial:* 31 de Março de 1954 / *Estreia em Portugal* 13 de Maio de 1955 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

*Volta! Esta casa está à tua espera.
Volta! Que desejo intenso de ver-te!
Volta, volta, volta!
Pois se voltares
Não nos deixaremos mais!
da canção **Torna!**
(Nicola Valente/Pacifico Vento)*

Raffaello Matarazzo é um dos reis do melodrama no cinema italiano, género que abordou com constância sobretudo no período posterior à Segunda Guerra Mundial (Matarazzo realizou o seu primeiro filme em 1933), com filmes como **Catene (Repudiada** em Portugal, mas o título original se traduz por *correntes*), **Tormento** ou **I Figli di Nessuno**, todos protagonizados por Amadeo Nazzari e Yvonne Sanson, que são, naturalmente os protagonistas de **Torna!**, que é sem dúvida um dos pontos extremos deste cinema. Falar em “ponto extremo” a propósito de Matarazzo pode levar a engano o espectador pouco familiarizado com o seu cinema, na medida em que os seus melodramas conjugam descabelados argumentos e uma sóbria *mise en scène*, não são extremados a todos os níveis como os de Douglas Sirk. É evidente que não faltam aos seus filmes sedução visual, mas estamos deliberadamente longe do aspecto visualmente flamejante dos melodramas que Vincente Minnelli e Douglas Sirk realizavam neste período. Tudo é conduzido pelo argumento: os movimentos de câmara são sóbrios, os cenários, sempre esmerados, têm a função de um harmonioso quadro. Em **Torna!** a música é escassa e esparsa, discretíssima, nunca é utilizada de modo a sublinhar o que se passa ou a “avisar” o espectador que algo de mau vai acontecer, como era regra na maioria dos filmes desde o início do período sonoro, especialmente os de Hollywood. O próprio comportamento dos atores e dos personagens é ponderado, por maiores que sejam as desgraças e injustiças que sofrem. O par oficial de protagonistas nos melodramas de Matarazzo, Nazzari e Sanson, são atores de meia-idade, que nada têm de símbolos sexuais, contrariamente a outras figuras que protagonizaram violentos melodramas em outras cinematografias. Estes elementos centrais dos melodramas de Matarazzo vêm, sem a menor sombra de dúvida, do facto de serem emanações da moral católica e dos seus filmes estarem literalmente sob a égide da Igreja católica, que na Itália dos anos 50 controlava um grande número de salas de cinema, sobretudo no país profundo e dava o seu parecer oficial sobre os filmes nos jornais e revistas, quase como um carimbo dos serviços de censura (“autorizado com reservas”, “não indicado para as famílias” e assim por diante). Sofrimento e redenção, sim, despertar o desejo do/a espectador/a, ainda que sob a sombra culpabilizante do “pecado”, não (significativamente, **Chi è senza peccato...** é o título de um filme de Matarazzo de 1952).

Como dizia o mestre do melodrama que era Douglas Sirk um filme começa pelo seu título. O deste – *volta!* – é magnífico e o título comercial português, **Regresso ao Lar**, é, *pour une fois*, perfeitamente adequado, embora “**Volta, Susanna, estás perdoadada**”, talvez fosse ainda melhor (outros títulos comerciais do filme: **Calúnia** no Brasil, **Vuelve a la Vida** em Espanha e **Larmes d’Amour** na Bélgica, todos excelentes, embora menos fiéis ao original do que o lusitano). **Torna!** é o título de uma célebre canção napolitana, que qualquer espectador italiano de 1954 ou de anos posteriores (talvez até os de hoje) poderia associar ao filme, antes mesmo de o ver. A intenção é tão óbvia que mal começa o genérico ouvimos precisamente esta canção que evoca o regresso almejado daquela que se foi, embora no filme ela tenha sido expulsa do lar. Quando o filme começa vemos de imediato o Vesúvio, indicação de que estamos em Nápoles, mas como é regra no cinema clássico Nápoles é apenas uma evocação, pois a ação não se passa em nenhuma cidade precisa e tem lugar quase inteiramente em interiores. Este foi o primeiro filme a cores de Matarazzo (em Ferraniacolor, procedimento italiano muito usado nos anos 50, de que esta cópia em 35 mm nos dá o sabor autêntico), mas isto não o induz a buscar cores berrantes e fortes, como Minnelli e Sirk (e, de modo geral, o cinema de Hollywood, devoto do Technicolor). Antes pelo contrário, todos os tons são suaves, pastel - beges, azuis pálidos, cinzentos – não há, por assim dizer, amarelos e só há vermelho em alguns objetos (meia-dúzia de vasos perfilados sobre um aparador) e nos lábios de Yvonne Sanson, que está quase sempre de preto como uma viúva (por mais casada que esteja), categoria feminina que na moral católica é condenada a uma nova e eterna virgindade. O uso da cor é um dos elementos do aspecto “convexo” da *mise en scène* de **Torna!**, sóbrio quadro visual que enquadra um dos elementos originais do enredo: a intriga e a calúnia que destroem a felicidade dos protagonistas não são anónimas, sub-reptícias, são diretas, confesas, frontais. Giacomo, o malíssimo da fita (Franco Fabrizi, *ex-vitellone* de Fellini e futuro barbeiro em **A Morte em Veneza**), avisa abertamente Susanna que vai enviar anonimamente as cartas ao marido dela, verbaliza as suas intenções de maneira a que nem ela nem o espectador mais obtuso tenham dúvidas sobre o que se vai passar. Dito e feito. Em poucos minutos de cinema o veneno da calúnia faz efeito e, depois do marido surpreender o par (sem saber que a mulher é vítima, ao passo que o espectador o sabe), o perverso ainda diz que é o verdadeiro pai da criança, maneira tão direta quanto possível de dar a entender que Susanna e ele *talvez* tenham ido para a cama, o que era sem dúvida perturbador para o espectador de uma sala paroquiana da Itália de 1954. E quando a amante dele descobre a verdade é ameaçada, de modo a concentrar todo o veneno num só personagem. Outra originalidade do argumento é que o personagem malvado, perverso e manipulador não é uma mulher, como é regra no melodrama e sobretudo no *filme negro*, mas um homem, que age abertamente como um jogador que põe todas as fichas no mesmo número e só pode ganhar muito ou perder tudo: o próprio personagem verbaliza esta atitude na cena em que conhece, num casino, a “aventureira” a quem se une.

Mestre na manipulação do espectador, como qualquer cineasta que se preze, Matarazzo precipita brutalmente os acontecimentos nos quinze minutos finais, com uma sucessão de desgraças e fatalidades que não podem faltar a um melodrama: uma tempestade faz ruir uma casa camponesa que parecia bastante sólida, matando a boa senhora que tomava conta da criança e deixa um viúvo osofredor, uma louca pensa que a criança é filha dela, a bala destinada ao suicídio da amante de Giacomo acaba por feri-lo de morte e, como se fosse pouco, a louca ainda apunhala o homem que acaba de descobrir a verdade. O desenlace sublinha de modo gritante o aspecto católico do filme: Giacomo revela a verdade a Roberto exatamente como se estivesse num confessionário (diz literalmente “*juro diante de Deus*”) e ao trazer a criança de volta à mãe o amigo de Roberto diz “*aqui está o milagre*”. Desta vez, Deus escreveu torto por linhas tortas, mas um milagre trouxe de volta a felicidade: a salvação veio do céu. O plano final mostra a família literalmente *recomposta*: primeiro o casal num casto beijo, antes do marido, a mulher e a filha miraculada ocuparem todo a tela, enquanto na banda sonora uma tonitruante orquestra sinfónica afoga as lágrimas do espectador com a melodia principal da canção que dá título ao filme, *Volta!*: os três membros da família voltaram ao lar, como indica o título comercial português do filme. Deste modo, também o espectador poderá regressar feliz ao seu próprio lar.

Antonio Rodrigues